

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UMA ABORDAGEM REFLEXIVA EM TURMAS DE 9º ANO

Taíse Oliveira Mendes¹

Esp. Deyse Sousa Alves (Orientadora)

Resumo

O preconceito linguístico é a discriminação da língua falada que ocorre pelas diferentes formas de falar de cada região. No Brasil, o preconceito linguístico é muito frequente devido às diferenças culturais de cada estado, pode ser observado que em cada região do Brasil há sotaques e gírias diferentes de outras regiões, o que enriquece a língua portuguesa, causando a heterogeneidade da língua. O objetivo deste trabalho é refletir sobre a importância do ensino acerca do preconceito linguístico nas turmas do 9º ano do ensino fundamental para que, assim, os alunos possam compreender as diversas variedades linguísticas existentes no Brasil. É importante que os professores ensinem seus alunos a usar a linguagem em todos os tipos de comunicação, sejam elas formais ou não, fazendo com que o aluno aprenda a língua formal não depreciando as outras variações. A metodologia de pesquisa usada nesse artigo é a pedagogia de projetos, ela nos possibilitou elaborar a proposta de projeto sobre o tema do artigo. Em suma, o propósito da pesquisa é abrir caminhos para os professores ensinarem a norma padrão e as variações linguísticas, facilitando a reflexão sobre o preconceito linguístico na escola, fazendo com que os professores ensinem aos alunos a fazer o uso da língua em suas diversas variedades linguísticas e ocasiões de fala.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico. Variação Linguística. Língua.

Abstract

Linguistic prejudice is the discrimination of the spoken language that occurs by the different ways of speaking in each region. In Brazil linguistic prejudice is very common due to cultural differences of each state, it can be observed that in each region of Brazil there are different accents and slang from other regions, which enriches the Portuguese language, causing the heterogeneity of the language. The aim of this paper is to reflect on the importance of teaching about language prejudice in the 9th grade classes so that students can understand the various language varieties in Brazil. It is important for teachers to teach their students how to use language in all types of communication, whether formal or not, so that the student learns formal language without depreciating other variations. The research methodology used in this article is project pedagogy, it enabled us to elaborate the project proposal on the theme of the article. In short, the purpose of the research is to pave the way for teachers to teach the standard norm and language variations by facilitating teaching about language bias in school by having teachers teach students how to use language in its many varieties. language and speech occasions.

Keywords: Linguistic Prejudice. Linguistic Variation. Language.

¹ Graduanda do Curso de Letras do Centro Universitário Mário Palmério (UNIFUCAMP), Monte Carmelo-MG. E-mail: taíse_1000@outlook.com

Justificativa

Esta pesquisa surgiu a partir do interesse em refletir a respeito do ensino das variações linguísticas nas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental. Uma vez que um dos principais pontos do preconceito linguísticos no Brasil encontra-se nas escolas, pois muitos professores têm como base apenas o livro didático e a gramática tradicional, não respeitando a bagagem de conhecimento que os alunos trazem consigo. O livro didático é apenas uma base, não o único instrumento a ser usado, mas muitos docentes acreditam que somente a linguagem culta deve ser ensinada nas escolas. Sendo assim, há uma discriminação às pessoas que falam com os sotaques e gírias de sua região, uma vez que apenas a norma padrão é a considerada certa e as outras variedades linguísticas, erradas, ao propor que o certo é falar assim porque se escreve assim.

O preconceito linguístico é a discriminação da língua falada que ocorre pelas diferentes formas de falar de cada região. Esse preconceito muitas vezes não está ligado apenas ao modo de falar do indivíduo, mas também à classe social em que ele se manifesta, em decorrência disso, a maioria das pessoas mais afetadas por esse tipo de preconceito é de classe social baixa.

É necessário que nas escolas os professores de português adotem um novo tipo de ensino nas suas aulas, não usando a gramática tradicional como o centro do ensino da língua, mas apenas para ensinar a forma certa de escrever e ensinando aos alunos que a língua é heterogênea e há diversos fatores que influenciam essa heterogeneidade como: fator regional, posição social, cultural etc. Por isso devem-se respeitar as diferentes formas de falar de cada indivíduo.

Seria mais justo e democrático explicar ao aluno que ele pode dizer “bulacha” ou “bolacha”, mas que só pode escrever BOLACHA, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito. (BAGNO, 2015, P.80).

Objetivo Geral

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a importância do ensino acerca do preconceito linguístico nas turmas do 9º ano do ensino fundamental, para que, assim, os alunos possam compreender as diversas variedades linguísticas existentes no Brasil.

Discussão Bibliográfica

Sabe-se que no Brasil o preconceito linguístico é muito frequente devido à diversidade cultural de cada estado. Pode ser observado que em cada região do Brasil há sotaques e gírias diferentes de outras regiões e essa variação resulta em uma grande riqueza cultural do país, o que enriquece a língua portuguesa, causando assim a heterogeneidade da língua. Apesar disso, os gramáticos tradicionais julgam necessário ensinar nas escolas apenas a norma padrão, por ser a linguagem falada geralmente por pessoas de maior poder social e econômico e, por isso, é considerada a variante mais apropriada e de maior prestígio, Bortoni-Ricardo diz

Assim, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada tem de intrinsecamente superior as demais. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.33)

Com isso, vê-se que o domínio da norma culta é geralmente mais utilizado pelas pessoas da mais alta classe, fazendo assim com que os falantes das variantes consideradas não padrão, que são, na maioria das vezes, de classe baixa, sintam-se inferiores e vivenciem o preconceito não só linguístico, mas também social.

O necessário é que nas escolas os professores ensinem aos seus alunos a ortografia correta da língua escrita, pois dominando a escrita padrão podem garantir o entendimento de seu texto, para que assim todos possam ler e compreender o que está escrito, no entanto, não se pode decretar que essa deve ser a única forma de falar, como diz Marcos Bagno

É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado da história social e cultural das pessoas que falam a língua em cada canto do Brasil. (BAGNO, 2015, p.80)

Com isso, percebe-se que o ideal é fazer com que os alunos dominem a escrita padrão, pois a língua falada é mais fácil de ser compreendida em suas variedades que o texto escrito. Saber falar não significa dominar a norma culta da língua, pois um indivíduo quando se comunica projeta frases, que sendo faladas na norma padrão ou não o outro é capaz de entender o que ele está dizendo, como afirma Possenti

Resumidamente, pode-se dizer que saber uma gramática é saber dizer e saber entender frases. Quem diz e entende frases faz isso porque tem um domínio da estrutura da língua. Mesmo diante de uma frase “incompleta”, por exemplo, o falante é capaz de fazer hipóteses de interpretação. (POSSENTI, 1996, p.31)

Em consentimento com o autor, é possível compreender que não é necessário dominar a gramática para falar e interpretar frases, falar bem não significa falar corretamente, mas sim de forma compreensível, a fim de que todos possam entender a ideia do emissor. A língua falada é natural, acontece de forma espontânea e só é necessária a formalidade se for usada em ocasiões que necessitem da norma culta, como em entrevistas, palestras ou seminários.

Em consequente, é possível verificar que a norma padrão possui inúmeras regras pertencentes à língua escrita, a qual é usada mais frequentemente por aqueles que tiveram acesso ao ensino formal, memorizar todas essas regras torna-se um desafio e aprender todas elas demanda tempo, todas essas regras são na realidade excluídas na língua falada. Nesse viés, nota-se que há essa grande diferença entre língua falada e língua escrita, o que dificulta muito o aprendizado da parte escrita da língua, Marcos Bagno, sobre isso, afirma

Por causa dessa distância imensa entre o que se fala e o que se tem de escrever é que escrever, no Brasil, para a maioria dos já muito poucos que sabem, querem e podem escrever, é algo que beira o suplício. É esse abismo que torna a prática de redação na nossa escola, pelos métodos empregados e objetivos visados, um perfeito desastre. (BAGNO, 2000, p.278)

Com isso, percebe-se o quão difícil se torna essa distinção entre língua falada e escrita, uma vez que as regras da escrita padrão vão além da fala formal, pois a escrita formal exige regras de concordância, regência nominal e verbal, pontuação e várias outras regras que na língua falada formal não são necessárias.

Com base no que foi apresentado no decorrer deste estudo, percebe-se o quanto é necessário que os professores ensinem aos seus alunos as diversas variedades linguísticas no Brasil, dado que essas variações são riquezas culturais do país. Portanto, o ideal é que os professores ensinem seus alunos a usar a linguagem em todos os tipos de comunicação, sejam elas formais ou não, fazendo com que o aluno aprenda a língua formal sem depreciar as outras variações.

Metodologia

As metodologias usadas neste artigo são a revisão bibliográfica e a pedagogia de projetos. Essa possibilitou a elaboração de uma proposta de projeto sobre o tema do artigo. A pedagogia de projetos é um método de ensino que envolve assuntos

interdisciplinares e propõe atividades construtivas e importantes para o aprendizado do aluno, possibilitando o aluno a criar e pesquisar, fazendo com que desenvolva uma ação reflexiva perante seu conhecimento.

O papel do professor nessa metodologia de ensino é o de incentivar e mediar o aluno, estabelecendo oportunidades do mesmo ter uma aprendizagem significativa e abrangente

No entanto, para fazer a MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA, o professor precisa acompanhar o processo de aprendizagem do aluno, ou seja, entender seu caminho, seu universo cognitivo e afetivo, bem como sua cultura, história e contexto de vida. (PRADO, 2017, p.02)

É importante que o professor saiba trabalhar essa metodologia, instigando os alunos a pensar, pesquisar e produzir, trabalhando diversas áreas de conhecimentos “A pedagogia de projetos deve permitir que o aluno aprenda-fazendo e reconheça a própria autoria naquilo que produz por meio de questões de investigação” (PRADO, 2017, p.7). Com isso, o aluno torna-se capaz de construir seu próprio conhecimento a partir das apresentações de técnicas baseadas no contexto de ensino do aluno pelo professor.

Nessa perspectiva, segue a sugestão de projeto.

Projeto

Título: Trabalhando com as variedades linguísticas e com o preconceito linguístico

Turma: 9º Ano do Ensino Fundamental

Disciplinas: Arte, Geografia, Língua Portuguesa

Material: Papel com letra de música, mapa do Brasil, caixinha com expressões regionais de cinco estados, cadernos, canetas.

Introdução

Trabalhar as variações linguísticas do Brasil com os alunos do 9º ano é importante para fazê-los aprender mais sobre a língua brasileira, pois muitos deles acreditam que o seu dialeto é errado e que a gramática normativa é a única forma correta de falar. Sendo assim, é papel do professor trabalhar as variações linguísticas para que eles possam refletir e entender as diversas variedades de fala existentes no Brasil, possibilitando-os a aprender usar a língua nos mais diferentes meios sociais.

É importante que os alunos saibam usar a língua em diferentes ocasiões, pois, com isso, eles refletirão sobre os diversos modos de fala, combatendo, assim o preconceito linguístico contra a norma não padrão.

Objetivo Geral

Refletir e conhecer sobre o uso das diversas variedades linguísticas no Brasil.

Desenvolvimento

Momento 1

O professor deve dar início à aula fazendo uma breve explicação aos alunos sobre o que é o preconceito linguístico e por que ele surge. Como exemplo, passar a música “Asa Branca” acompanhada da letra de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

Quando "oiei" a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação?
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação?

Que braseiro, que "fornaia"
Nem um pé de "prantação"
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

"Inté" mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
"Entonce" eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
"Entonce" eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas léguas,
Numa triste solidão,
Espero a chuva cair de novo
Pra mim "vortá" pro meu sertão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim "vortá" pro meu sertão

Quando o verde dos teus "zóio"
Se "espaia" na "prantação"
Eu te asseguro, não chore não, viu
Que eu "vortarei", viu, meu coração
Eu te asseguro, não chore não, viu
Que eu "vortarei", viu, meu coração

Letra de música. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/dominguinhos/1577664/>> Acesso em: 09 set. 2019.

Após os alunos ouvirem a música e acompanharem a letra, o professor deverá fazer um debate com eles abordando as seguintes perguntas:

- Consegue reconhecer alguma variação na música?
- Quais são as variações presentes na letra?
- Você acha que a letra da música está errada? Por quê?
- Você acha que a língua informal deve ser reconhecida como a língua padrão?
- Você acha correto que a norma culta seja a única forma de prestígio?

No decorrer do debate o professor deverá informar aos alunos que as variações estão presentes tanto na fala quanto na escrita e que essas variações linguísticas são importantes para a riqueza cultural da língua, uma vez que surgem a partir de fatores sociais, culturais e históricos. O docente também esclarecerá a eles que a norma padrão é uma variedade da língua e que o seu uso é necessário apenas em ocasiões cultas, como em seminários, entrevistas, palestras e também na parte escrita da língua quando usado em concursos públicos, vestibulares e em outros textos que necessitem da linguagem formal, ensinando-os a usar a língua em diferentes ocasiões.

No final da aula, o professor deverá pedir para que os alunos reescrevam a letra da música na norma padrão.

Momento 2

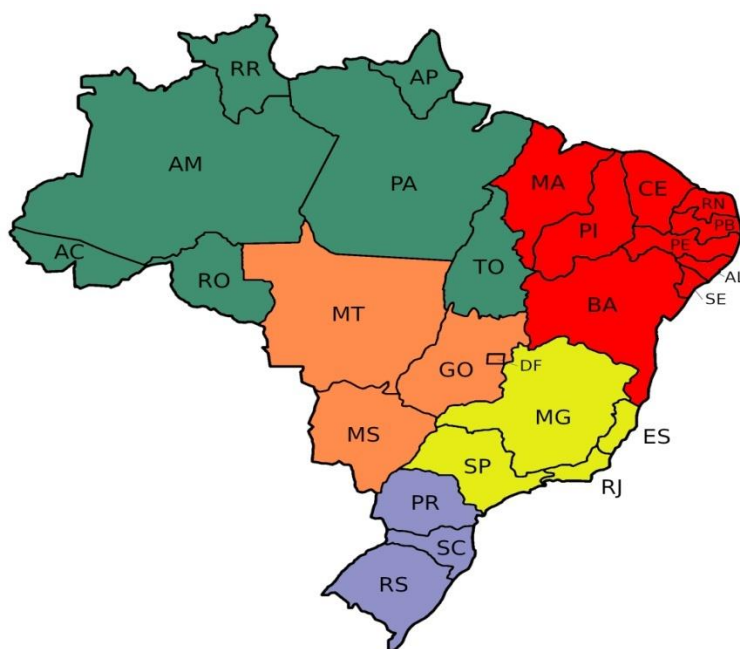
Para que as aulas fiquem ainda mais interessantes e o docente possa trabalhar de forma interdisciplinar, o professor de Língua Portuguesa poderá marcar um dia com o professor de Geografia para que ambos possam se aprofundar um pouco mais sobre a variação geográfica.

Sabe-se que as variações geográficas ou diatópicas estão ligadas a fatores históricos e/ou culturais de determinada região. O que no nordeste é *Jerimum*, no sudeste é *Abóbora*, mas ambos são frutos da abóboreira, possuem polpa alaranjada e pertencem à família das plantas *Curcubitáceas*. Ou seja, muda o nome, mas não muda as características.

No início da aula, os professores deverão lembrar aos alunos do que se trata realmente a variação geográfica. Com o auxílio de um mapa, eles mostrarão onde estão localizadas as regiões do Brasil e darão alguns exemplos de dialetos específicos desses lugares. Como por exemplo: *Ó xente* (interjeição que demonstra espanto, descontentamento, curiosidade - típico da região nordeste); *Mais faceiro que guri de bombacha nova* (pessoa feliz – expressão bastante utilizada na região sul) entre outros.

O papel do professor de Geografia será o de esclarecer quais são as particularidades de cada região, apresentando aspectos socioculturais inerentes a cada um desses territórios. Já o papel do professor de Língua Portuguesa, será o de trazer essas particularidades para a perspectiva da linguagem, mostrando que na fala, independentemente da região ou do lugar em que mora o sujeito falante, não existe o que é correto e o que é incorreto, mas sim o que é adequado e inadequado dependendo da situação e do contexto comunicacional.

Exemplo de mapa que os professores poderão utilizar na aula:



Mapa do Brasil separado em Estados, pintados de acordo com a região em que se encontram - Norte (Verde), Nordeste (Vermelho), Centro-Oeste (Laranja), Sudeste (Amarelo), Sul (Roxo).
 Fonte: Infoescola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/geografia/mapa-do-brasil/>>
 Acesso em: 15 out. 2019.

Após a apresentação do mapa e das expressões dialetais, os professores dividirão a sala em cinco grupos, cada grupo representará uma região do Brasil. O grupo um será representado pela cor verde, o grupo dois pela cor vermelha, o três pela cor laranja, o quatro pelo amarelo e o cinco pelo roxo, assim como as cores do mapa.

Dentro de uma caixinha, os professores levarão as seguintes expressões regionais dobradas em papezinhos separados:

Norte:

Brocado – estar com fome

Levou o farelo – morreu

Miudinho – pequeno

Égua de largura – muita sorte

Vigia bem – presta muita atenção

Nordeste:

Buchuda – gestante

Desmantelar – arruinar

Fuzuê – barulho, confusão

Estrambólico – esquisito, extravagante

Macambúzio – tristonho, pensativo

Centro-oeste:

Empatar – atrapalhar

Para de mula – perturbar

Dormir no macio – viver folgado

Arruinou – piorou de saúde

Madurar – amadurecer

Sudeste:

Bolado – preocupado

Da hora – legal

Larica – fome

Jacú – bobo, ignorante

Quebrado – sem dinheiro

Sul:

Alçar a perna – montar a cavalo

Guri – menino

Lindeiro – vizinho

Embretar-se – meter-se em apuros

Desabotinado – adoidado, estourado

Expressões retiradas do site: Gama – Traduções e Interpretações. Disponível em:
<<http://www.gamati.com/2018/10/17/os-sotaques-brasileiros-e-expressoes-regionais/>> Acesso em: 15 out. 2019.

Cada grupo retirará cinco papeizinhos de dentro da caixinha, em seguida eles irão abrir e discutir de qual região pertence aquela determinada expressão; lembrando que podem aparecer nos grupos expressões referentes a própria região que eles representam.

Após as discussões, uma pessoa de cada grupo responderá para os professores de qual região é aquela expressão que eles sortearam. No final, os docentes farão a contagem de acertos, mostrando aos alunos, posteriormente, qual é a região correta de cada expressão apresentada. O grupo que mais acertar ganhará uma caixa de chocolates.

Com essa atividade o professor levantará alguns pontos que permitirão fazer com que os alunos reflitam sobre o preconceito linguístico, de modo que eles entendam que não existe um padrão correto e perfeito a ser seguido na hora de conversar, mas sim que existem diferentes formas de manifestação da linguagem. Ademais, será esclarecido

o fato de o linguajar de uma pessoa não ser melhor que o de outra só porque ela é de outro lugar, pois são apenas indivíduos diferentes, por isso deve-se sempre respeitar as características culturais e regionais de cada um.

Momento 3

Para finalizar a sucessão de aulas sobre variações linguísticas, o professor de Língua Portuguesa poderá propor aos alunos, a criação de uma peça teatral que deverá ser apresentada para toda a escola. O professor de Arte auxiliará a turma a se dividir da melhor forma, separando as pessoas que irão escrever a peça das que vão atuar e das que vão participar de outras etapas.

A peça deverá conter personagens das cinco regiões do Brasil, abordando os sotaques e as expressões típicas de cada lugar. Os alunos precisarão tratar de assuntos referentes ao preconceito linguístico nas suas mais variadas formas de manifestação – histórico, social, cultural entre outras, bem como utilizar situações que envolvam o humor no decorrer das cenas, com a finalidade de prender a atenção do público.

O professor de Arte auxiliará os alunos na parte cenográfica e artística da peça, ajudando-os na preparação, na escolha dos figurinos, da iluminação, da sonoplastia e outros recursos que forem necessários.

Para ativar a criatividade e a imaginação dos alunos, o professor apresentará o seguinte diálogo que poderá ser facilmente transformado em uma peça de teatro:

O Mineiro e o Nordestino

O mineiro estava voltando de seu serviço na roça, quando um nordestino parou em sua frente e lhe perguntou:

-Dêscurpe mais vô tê que ataiáocê.

O mineiro responde:

-Uai! Num intendi um “A” que cêfalô!

-Ataiá, ocênum sabe u qui é ataiá?

-Cêtomôpincumel? Doidimais! Só tôvortando do trabáio, vô pega o bicho quivaivolta lá no podions.

-A tá, ocê é minero, ataiá é tira ocê do caminho, mais que quicêfalômemo?

-Podionshomi! Eu vô pega o ôns no podions!

-Mais que qui é isso homi?

-O bicho quivaivolta!

-E o que qui é bicho que vaivolta?

-Ô homi! Cênum é minero, fica sem intendê!

-Ocênum é nordestino, intãotamém fica sem intendê...

Afinal de contas nenhum dos dois entendeu nada que o outro falou.

-Uai! Mai cênum queria deixar eu passa por quê?

-Isqueci u qui eu ia fala, agora ocê já deve tê perdido esse bicho que vaivoltaquicêfalô. Óia, cê num qué bate um papo?

-Acho qui a mastumate e o kidicarne vai têquiiisperá.

E o nordestino começou a conversar com o mineirinho.

-Num sei o quiocê disse, mais o tal kidicarne deve ser quiocê vai comê carne, eu num tô aperriano ocê não, né?

-Uai! Aperriano que qui é isso?

-Eita! Ô meu pai! É icomodar!

-A tábão, se é assim, cê tá sim.

-Tô! Nossa, cêtomô muita sustança hoje homi! Num intendo esse dialeto seu!

-Num sei o qui é sustança nem dialeto, mai num intendo nada quicê fala.

-Uai! Lembrei agora quiiisqueci o pexedenduforno, e larguei badacama minha iscodidente. Nossinhora! O peixe torro e a iscodidente sujo tudo!

-Agora que num intendi nada. Ocê já vai?

-Tôino, e eu ainda num intendi nada quicêfalô! É hoje qui eu pego esse trem bão, sô!

-Até mais procê, tamém num intendi nada que ocêfalô. E porque qui minero só fala

"Uai" e "Trem bão, sô"?

-Jeitinho di minero, né uai? E nordestino só fala "arretado" e "oxenti"?

-Jeitinho de nordestino arretado, né?

Anna Julia Dannalla

Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTA3MjQ3Mw/>> Acesso em: 17 out. 2019.

Com a criação e apresentação dessa peça, os professores proporcionarão momentos de interação entre os alunos. Ocasões propícias para que eles possam aprender a trabalhar em equipe, o que torna o processo de ensino-aprendizagem muito mais eficiente e significativo.

Avaliação

A avaliação se dará em relação à participação dos alunos em cada etapa do projeto.

Cronograma

O projeto foi elaborado para ser desenvolvido em um mês de aula, mas pode ser reduzido ou estendido, dependendo do andamento e aproveitamento da turma durante as aulas.

Considerações Finais

O propósito da pesquisa foi alcançado, uma vez que trabalhar com o preconceito linguístico nas escolas é de grande importância para que os alunos entendam sobre as diversas variações linguísticas do país e saibam fazer uso delas em diferentes ocasiões.

A pedagogia de projetos possibilitou apresentar meios de intervenção para colocar em prática na escola e combater o preconceito linguístico. É necessário que ao trabalhar sobre esse assunto que a escola possibilite aos alunos conhecimento e convicções sobre o tema, pois o preconceito linguístico é resultado da ignorância de grande parte das pessoas que fazem uso da norma padrão.

Em suma, o ideal da pesquisa é abrir caminhos para os professores ensinarem a norma padrão e as variações linguísticas, facilitando o ensino sobre o preconceito linguístico na escola, fazendo com que os professores ensinem aos alunos a fazer o uso da língua em suas diversas variedades linguísticas e ocasiões de fala.

Referências

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**. Tradição Gramatical, Mídia & Exclusão Social. 2º ed. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Preconceito Linguístico**. 56º ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 2º ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

EXPRESSÕES E SOTAQUES DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.gamati.com/2018/10/17/os-sotaques-brasileiros-e-expressoes-regionais/>> Acesso em: 15 out. 2019.

MAPA DO BRASIL. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/geografia/mapa-do-brasil/>> Acesso em: 15 out. 2019.

O MINEIRO E O NORDESTINO. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTA3MjQ3Mw/>> Acesso em: 17 out. 2019.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de leitura do Brasil, 1996.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. **Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações**. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/103959-Pedagogia-de-projetos-maria-elisabette-brisola-brito-prado-1.html>>. Acesso em: 30 set. 2019.